

SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO GLOBAL: LÍNGUA FRANCA, HIBRIDISMO LINGUÍSTICO, E HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL

On English teaching in a global context: teaching aspects related to lingua franca, to linguistic hybridism, and to cultural homogenization

**Alison Roberto Gonçalves¹
Rose Maria Belim Motter²**

RESUMO: Este estudo analisa aspectos da Língua Inglesa como língua internacional e questões referentes ao inglês como idioma global. A sua expansão pelo mundo proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico e as influências que o idioma recebe ao ser usado na comunicação por diferentes povos são abordadas com o intuito de desenhar um retrato do idioma na contemporaneidade. Neste contexto, a Língua Inglesa é considerada um idioma que age na criação de identidades ao permitir o contato com diferentes construtos sociais, conhecimentos e formas de cultura. Frente a isso, o professor exerce papel essencial, podendo, com acurado auxílio tecnológico, desenvolver um fazer educativo moderno e ágil, que leve em consideração o novo tipo de cognição desenvolvido pelos alunos usuários de mídias interativas.

Palavras-Chave: Inglês como Língua Internacional, Hibridismo Linguístico, Língua franca.

ABSTRACT: The present study analyses the state-of-the-art of the English language as an international language and matters related to English as an international language. English expansion around the world, made possible by technological development, and the influences it is subject to when used as a communication tool by different peoples are discussed, as an attempt to draw an outline of the language nowadays. English, therefore, is a language that participates in the creation of identities, for it enables the contact with different social patterns, forms of culture, and knowledge. Thus, the teacher plays an essential role, once, as an educator, the professional might develop a new and modern teaching liability

¹ Mestrando em Letras (Inglês e Literatura Correspondente), Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. alison.rg@hotmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Julio Mesquita Filho, SP; Doutoranda no Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento na Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil. rosebelim@hotmail.com

with the accurate technological aid, which takes into account the new type of cognition developed by students who are also users of interactive media.

Key-Words: English as an international language; Linguistic hybridism, Lingua Franca.

1 INTRODUÇÃO

A popularização da Língua Inglesa ao redor do mundo teve início com o imperialismo britânico por volta do século XVI, quando a expansão dessa economia no cenário mundial proporcionou que o conhecimento do idioma e a sua utilização estendessem-se para além das fronteiras britânicas, fato que veio a influenciar linguística e culturalmente outras localidades. Já em tempos mais recentes, fatores como a abertura do mercado econômico, quedas de governo e, principalmente, o avanço tecnológico dos últimos anos, fizeram com que a Língua Inglesa fosse concebida com status de língua internacional, o que, por sua vez, aumentou o interesse de indivíduos pelo seu estudo (GRADDOL, 2000; 2006).

Com o advento do avanço tecnológico digital, houve a facilidade de interação e comunicação com pessoas de diferentes localidades do planeta. Muitos passaram a comunicar-se com diferentes contextos culturais e linguísticos e, para isso, passaram a fazer uso do inglês. Isso fez com que surgisse uma nova particularidade na sociedade local e na global: o estudo em massa de um idioma. O número de aprendizes de inglês aumenta cotidianamente, sendo perceptível não apenas em estabelecimentos particulares, mas também em estabelecimentos públicos de ensino.

Neste contexto contemporâneo, a busca pela informação e pelo conhecimento acontece via Tecnologias de Comunicação Digital³ (TCD), que já estão ao alcance de diversas classes sociais, promovendo a interação entre os indivíduos e proporcionando a disseminação de saberes, ao mesmo tempo em que possibilita o uso da Língua Inglesa ó doravante LI ó em contextos diferenciados daqueles em sala de aula.

A comunicação digital, viabilizada principalmente pela internet, permitiu que a língua se expandisse e atingisse, de maneira diferente, espaços que ainda não tinham sido englobados por esse processo. Um desses espaços é a escola. O fazer educativo aliado à tecnologia opera na

³ Tecnologias de Comunicação Digital concernem às novas formas de informação e comunicação com base na linguagem digital.

construção de um conhecimento novo, ágil, criativo e flexível, um conhecimento harmonizado com o ritmo de vida dos estudantes de hoje. A velocidade com que isso se dá é definida pelas invenções tecnológicas e sua constante inserção e navegação em contextos virtuais (DAL MOLIN, 2003). Sobre essa possibilidade atual e moderna de atuação pedagógica, Dal Molin (2003) argumenta que, quando bem trabalhada, pode instituir uma escola atuante, bem à frente dos conhecimentos obsoletos,

fugindo das rotinas e dos desgastes que historicamente tornaram os atos de ensinar e aprender uma tarefa enfadonha e uma constante reprodução de conhecimentos ultrapassados, muitas vezes inoperantes e em descompasso com a vida (DAL MOLIN, 2003, p. 22).

A Língua Inglesa como língua internacional apresenta-se, então, em um momento em que os perfis sócio-cognitivos dos atuantes na produção de conhecimento têm mudado. Há pouco tempo, apenas os professores eram responsáveis pela transmissão de conhecimento, sendo relegada a participação do estudante ao papel de ouvinte passivo, assim como os materiais instrucionais disponíveis atinham-se à prática da escrita. Com a revolução tecnológica, os estudantes tornaram-se sujeitos atuantes na construção de conhecimentos, pois, ao navegarem virtualmente, entram em contato com diferentes saberes, tradições e conhecimentos. O acesso ao conhecimento via tecnologia digital retirou, do professor, a posse e a detenção do saber. Assim, professores e estudantes agem, agora, em conjunto neste momento de renovação de práticas educacionais e perfis dos aprendizes.

Para grifar a importância da Língua Inglesa neste contexto, a seguir, é abordada a acessibilidade fluida ao conhecimento possibilitada pelo idioma, sendo observado o compartilhamento de informações pelos usuários das tecnologias e algumas das especificidades assumidas pela língua durante esse processo.

2 A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA LÍNGUA INGLESA

O marco inicial da sociedade conhecida como a sociedade pós-industrial, a sociedade do conhecimento, ou ainda, a sociedade tecnológica (MOTTER et al., 2009) aconteceu na década de 50, quando o contexto socioeconômico e cultural da época criou a *base necessária para o advento da informatização* (MOTTER & CATAPAN, 2011, s/p). A partir desse passo, o

advento da globalização moderna foi impulsionado por novas formas de comunicação que relacionam-se à linguagem digital, sendo esta uma das principais transformações vivenciadas pelo sujeito na contemporaneidade.

Para Dal Molin (2003), inventos anteriores à fase atual, como a imprensa, o rádio, o cinema, não causaram o mesmo impacto que o advento da informatização causou: os avanços tecnológicos permitiram que signos icônicos e verbais escritos que antes estavam restritos a apenas alguns segmentos da sociedade fossem expandidos para muitos outros setores.

Catapan (2003) argumenta que o sujeito integrante deste processo de remanejamento de conhecimento ao todo social começou a atuar ativamente nos espaços virtuais, doravante ciberespaços⁴, e pôde agir sobre as estruturas emanadas nestes ambientes, como também atuar naturalmente nesse universo, alimentando-o com as suas próprias informações e, também, sendo alimentado, conferindo continuidade ao processo. Para Motter *et al.* (2009),

o ciberespaço assume papel piramidal na formação do indivíduo: na reprodução cultural, na informação de diferentes visões de mundo, na proposição e criação de habilidades, adoção de atitudes, valores, e, principalmente, em relação ao acesso de uma língua estrangeira (MOTTER et al., 2009, p. 4).

Para Motter *et al.* (2009), o uso do inglês como forma de comunicação no ciberespaço, cria novas identidades, forma cidadãos com interesses originais e diferentes (MOTTER et al., 2009, p.4). Os ambientes virtuais tornam-se, assim, um abrigo para as informações e características dos seres humanos que também atuam nestes ambientes, criando, assim, uma nova cultura, a cibercultura⁵.

É relevante notar que a abertura para o mundo do saber com o uso das TCD é possibilitada não só pelas diferentes formas de tecnologia, mas também pela utilização de um idioma em comum: a Língua Inglesa. Neste sentido, o acesso ao conhecimento, também, é

⁴ De acordo com Catapan (2003), o ciberespaço abriga não só uma infra-estrutura material de comunicação digital; abriga também o universo de informações e de seres humanos que navegam e alimentam esse universo. A concepção de tempo e espaço toma uma dimensão *topológico-eterna* e as relações emergem como uma nova cultura, a cibercultura (CATAPAN, 2003, p. 2) (grifo da autora). A dimensão topológico-eterna é definida pela autora como uma noção de tempo e espaço como fluxo contínuo sem demarcação métrica ou linear (CATAPAN, 2003, p. 8).

⁵ Catapan (2003) define a cibercultura como o conjunto de técnicas, de materiais, de atitudes, de modos de pensamento, de valores, que vão se constituindo e crescendo exponencialmente junto com o desenvolvimento do ciberespaço (CATAPAN, 2003, p. 3).

preponderantemente possibilitado pelo conhecimento da língua, pois, como demonstrado por Litto (2009), *oitenta e quatro por cento das informações disponíveis na web são em inglês* (LITTO, 2009, p. 16).

Na troca de saberes e informações por meio da LI, em contextos sócio-digitais, ocorrem as influências desse idioma na cultura e postura dos falantes e, ao mesmo tempo, o idioma é matizado pelas características do sujeito, pois sua fala é carregada de informações construídas historicamente. Desta forma, o falante, não está somente apto a perceber uma língua em constante uso, mas também a promover um processo de troca, em que terá como moeda suas características sócio-culturais, negociadas em um processo cognitivo de construção de conhecimentos.

Ainda na era digital, observa-se que o usuário da arte de se comunicar via mídias interativas chega a desenvolver um novo tipo de cognição que o torna ãum leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construirö (SANTAELLA, 2007, p. 33). É possível distinguir, então, a existência de um sujeito que não é mais um receptor passivo, mas que õtem liberdade de escolha e produção dos conteúdos que deseja acessarö (MOTTER et al., 2010, p. 2), agindo com liberdade e propriedade, sobre e durante o processo de Aprendizãia⁶.

Para a educação, o uso da TCD pode potencializar a aquisição de saberes, de modo que a obtenção de novos conhecimentos seja intensificada quando este processo exige do sujeito um investimento intelectual mais alto, pois, tem como aspecto modificador a õobjetivação e a provisoriade nos processos de conhecimento, determinadas pela dinâmica e pela flexibilidade da TCDö (MOTTER et al., 2009, p. 2). O sujeito deste processo ao mesmo tempo em que investe na decodificação da informação, age na comunicação deste novo conhecimento, constituindo-se em ambos os processos de interação, por diferentes tipos de linguagem.

⁶ Adotado por Dal Molin na tese *õDo tear à tela, uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de Aprendizãiaö* (2003), tomado da obra de Hugo Assmann, *õReencantar a Educaçãoö* (2003), o termo trata do processo educativo de modo que traduz um estado perene de õestar-em-processo-de-aprenderö (DAL MOLIN, 2003, p.23). O processo de Aprendizãia, nas palavras da autora, õestá para o que comumente é designado como ensino-aprendizagem. O que nos leva a adotar esse termo é esta outra conotação que damos ao fazer pedagógico: a da estreita e amalgamada relação entre aprender e ensinar que dilui as cristalizadas fronteiras de quem está -legitimado a ensinar e quem está -designado a aprender, atualizando esta premissa no contexto dos avanços tecnológicos que trazem para dentro do espaço escolar, de modo mais claro e evidente, que existe uma defasagem entre o que a escola se habilita a ensinar e o ritmo da vida fora dos muros escolaresö (DAL MOLIN, 2003, p. 80-1).

Com vistas ao conhecimento linguístico em Língua Inglesa, as tecnologias digitais, quando adequadamente aplicadas ao processo de ensino, promovem uma mudança significativa na construção deste conhecimento. Mudanças formais e funcionais podem ser observadas na utilização do idioma, não somente quanto à estrutura e ao uso, mas também com a atribuição de novos sentidos e significados aos vocábulos do idioma, uma vez que, ao interagir no ciberespaço, novos construtos linguísticos são adquiridos pelos ciberusuários e, ao mesmo tempo, são transferidos a outros sujeitos, que ampliarão seu uso a outros contextos de habitação desse conhecimento. Os integrantes desse processo de aquisição de saberes expandem a utilização desse conhecimento a outras áreas em que atuam, como também proporcionam esse processo à participação de outros, permitindo que a busca pelo conhecimento seja boa parte das práticas cotidianas da contemporaneidade. A seguir, discorre-se acerca das abordagens feitas à língua em nível internacional, considerando o hibridismo linguístico que atualmente permeia as formações identitárias.

3 ASPECTOS DO INGLÊS NA CONTEMPORANEIDADE: A LÍNGUA INGLESA COMO *LINGUA FRANCA*⁷, HIBRIDISMO LINGUÍSTICO E A HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL

No cenário atual, a Língua Inglesa recebe seus créditos por pluralizar o mapa linguístico e cultural de todo o mundo, servindo-se da tecnologia digital e das mídias interativas. Enquanto alicerça-se às bases de uma nova sociedade, e dissemina a troca de informações e adição de culturas, a língua ganha novas formas, impulsionada pelas características históricas daqueles que a têm usado em contextos universais.

O idioma recebe status de língua global⁸, pois, de acordo com a orientação de Crystal (2008), a língua desempenha um papel especial nos países em que coexiste. O autor afirma que

a language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country. This might seem like stating the obvious, but it is not, for the notion of 'special role' has many facets.

⁷ A terminologia *lingua franca* é retirada da obra de Seidlhofer (2004; 2005) e seu significado está explicitado posteriormente nesta seção de nossa pesquisa.

⁸ Não objetivamos promover distinções entre idioma global e língua internacional. Consideramos que sejam abordagens similares para percepções acerca do inglês em contextos mundiais.

Such a role will be most evident in countries where large numbers of people speak the language [í]⁹ (CRYSTAL, 2008, p. 3-4).

Ainda nesse sentido, é importante ressaltar que, nas palavras de Crystal (2008), o motivo de uma língua se tornar global tem pouco a ver com o número de pessoas que a fala, mas mantém relação com quem são seus falantes. O autor cita o exemplo do latim, que se tornou uma língua internacional durante o Império Romano não porque os romanos eram mais numerosos do que os povos que conquistavam, mas, simplesmente, porque eles eram mais poderosos. Mesmo com o declínio do Império Romano, mais tarde, o latim permaneceu a língua da educação, graças a um tipo diferente de poder ó o poder eclesiástico do catolicismo romano.

Considerando o papel dos falantes da LI, coexistentes de inúmeras culturas com a do inglês, Bamgbose (2001) afirma que o mundo está dominado pelo inglês e, mesmo assim, considera que culturas locais, línguas e identidades podem estar muito bem protegidas. O autor afirma:

the world of large scale commerce, industry, technology and banking, like the world of certain human sciences and professions, is an international world and it is linguistically dominated by English almost everywhere, regardless of how well-protected local cultures, languages and identities may otherwise be¹⁰ (BAMGBOSE, 2001, p. 357).

Nessa linha, Canagarajah (1999) considera que indivíduos e comunidades podem acomodar uma gama de línguas e culturas para construir identidades pluralizadas. Na experiência com outras culturas, falantes de uma língua estrangeira podem desenvolver uma compreensão ó como também aceitação ó melhor de pontos de vista distintos e de costumes diferentes, o que certamente contribui para o desenvolvimento de uma consciência cidadã, tolerante com o distinto. Ainda, é necessário certo encorajamento a práticas linguísticas em comunidades multiculturais, de modo que essa experiência possa resultar em um potencial para o indivíduo que enfatize a natureza do aprender em uma sociedade global diversa.

⁹ Uma língua atinge um status global genuíno quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em cada país. Isso pode parecer como dizer o óbvio, mas não é, uma vez que a noção de 'papel especial' tem muitas facetas. Tal papel será mais evidente em países onde um grande número de pessoas fala a língua (tradução nossa).

¹⁰ O mundo de larga escala comercial, industrial, tecnológica e bancária, como o mundo de certas ciências humanas e profissões, é um mundo internacional e está linguisticamente dominado pelo inglês em quase todos os lugares, considerando como bem-protegidas as culturas locais, línguas e identidades podem, diferentemente, estar (tradução nossa).

Costa (2004) discute que a existência de uma homogeneização cultural não implica no desaparecimento das diferenças, dos hábitos, das necessidades e nem do consumo dos bens culturais locais. Pelo contrário, há uma mistura, uma heterogeneidade de produtos, de ideias, de comportamentos, de imagens; itens que vemos como possibilidades trazidas pelo fluxo entre culturas.

Sabe-se que a necessidade por uma língua estrangeira parte não só de necessidades individuais do cidadão, mas, também, a partir do questionamento do espaço territorializado, já que os alcances são muito maiores hoje em dia; do mesmo modo que fronteiras não são mais consideradas formas de isolamento, com vistas ao fluxo muito grande de pessoas, informações, mercadorias e capital. A cultura local não está subordinada às intervenções culturais estrangeiras, ela pode adaptar formas de outras culturas e oportunizar a vivência de elementos pertencentes à cultura global através desse compartilhamento. De acordo com Costa (2004),

ela [a cultura local] é concebida como flexível, adaptável às novidades que a globalização e quaisquer outros movimentos possam trazer por meio de seus fluxos, pois é capaz de englobar novos significados, fatos, imagens de outras cultural sem se contradizer ou perder seu caráter local e suas características essenciais que a diferem das demais formas de vida (COSTA, 2004, p. 257).

A inserção e adaptação de elementos de outras culturas, o que vem sendo vivenciado, atualmente e naturalmente, pela cultura global, são exemplos da diversidade cultural construída pela globalização das culturas. Assim, Costa (2004) argumenta que as pessoas podem acender um incenso, ter uma escultura africana, assistir a filmes franceses, comer comida japonesa ou árabe e, assim, compartilhar de uma diversidade de opções que compõe a mundialização da cultura, sem, em momento algum, ter os símbolos e significados de sua cultura local sobrepostos por outras formas de cultura.

Costa (2004) alerta, ainda, para a existência de uma cultura global, diferentemente do que já foi chamado de "ocidentalização", "americanização" ou "imperialismo cultural" (COSTA, 2004). Uma cultura global existe partindo de diversos países, sem ter um foco principal, ainda que possa haver predominância por alguma de suas partes. Sabe-se que o inglês é modelo linguístico internacional e que inegavelmente a cultura de raízes anglo-saxã é espalhada em níveis mundiais por influência da língua.

Rajagopalan (1999), ao cunhar o termo *linguistic hybridity* (hibridismo linguístico), discorre que, oportunizadas pela globalização, ocorrem influências entre as línguas, uma espécie de miscigenação linguística, cujos vocábulos abrangeram outras línguas que, por sua vez, absorveram estas palavras para o seu corpus devido, principalmente, ao seu uso pelos falantes.

Seidlhofer (2004), ao tratar da língua inglesa como *lingua franca*, define que oitenta por cento das trocas linguísticas nas quais a LI é utilizada como segunda língua ou língua estrangeira não envolvem nenhum falante nativo de inglês. O retrato alçado pela autora mostra uma língua que vem sendo transformada não mais pelos seus falantes nativos, mas sim por seus falantes estrangeiros que aplicam sobre ela os construtos de sua própria língua materna, transformando-a.

Este processo de hibridização da língua tem sido acelerado com a expansão das TCD. Seidlhofer (2004) ainda aponta que é possível que falantes nativos de inglês tenham a impressão de que a língua pertence a eles, mas, ressalta que serão os falantes estrangeiros que definirão o seu futuro. Entende-se que, com o número de falantes estrangeiros da língua em constante aumento, o futuro da língua está nas mãos dos seus *non-native speakers* (falantes não nativos) (SEIDLHOFER, 2004).

Tratar da Língua Inglesa pelo termo *lingua franca* implica considerar *any lingual medium of communication between people of different mother tongues, for whom it is a second language*¹¹ (SAMARIN, 1987, p. 371 apud SEIDLHOFER, 2004, p. 211). O termo é utilizado para designar um tipo de linguagem utilizada por falantes estrangeiros da língua, somente. Neste sentido, são apontadas duas definições que podem esclarecer um pouco mais sobre o emprego de *lingua franca*: (a) uma língua de contato entre indivíduos que não têm a mesma língua nativa, nem a mesma cultura nacional, para os quais o inglês é a língua utilizada para comunicação; (b) interações entre membros de culturas linguísticas descendentes do inglês, mas que não têm a Língua Inglesa como língua materna. Outro termo utilizado é *International English* ó apontado por Seidlhofer (2004) como uma forma resumida para *English as an International Language*-, pode ser utilizado para designar territórios onde o inglês é a primeira língua, em maioria, ou uma segunda língua oficial. O que se deve ressaltar referente ao termo é que este

¹¹ Qualquer meio linguístico de comunicação entre pessoas de línguas-maternas diferentes, para os quais esta [*lingua franca*] é uma segunda língua (tradução nossa).

is thus used in reference to two quite different linguacultural situations: on the one hand, there are Kachru's Outer Circle¹² countries, where English can be said to be localized to meet domestic, intranational purposes. On the other hand, there is English as globalized means for international communication, which, of course, transcends all national boundaries¹³ (SEIDLHOFER, 2004, p. 210).

Retomando o(s) processo(s) de variação da língua, é importante citar que outro fator que acelera as transformações na língua são as diversas características linguísticas e culturais dos ambientes externos em que LI tem sido utilizada, cada vez mais, para propósitos práticos de comunicação, em que os indivíduos aplicam normas variadas de sua língua materna à língua estrangeira, muitas vezes, modificando sua ortografia e somando novos sentidos a certas palavras. Uma frase agramatical, de acordo com as normas do que seja o correto em inglês, algo que vários professores considerariam como uma necessidade urgente de correção, parece não ser problemática para o sucesso do ato comunicativo entre contextos distintos de usuários da *lingua franca*.

Seidlhofer (2004) aponta algumas ocorrências de modificação da língua por usuários da *lingua franca*:

- Dropping the third person present tense *s*;
- Confusing the relative pronouns *who* and *which*;
- Omitting definite and indefinite articles where they are obligatory in ENL [English as a native language], and inserting them where they do not occur in ENL;
- Failing to use correct forms in tag questions (e.g., *isn't it?* or *no?* instead of *shouldn't they?*);
- Inserting redundant prepositions (as in *We have to study about it*);
- Overusing certain verbs of high semantic generality, such as *do, have, make, out, take*;

¹² De acordo com Crystal (2008), no *Outer circle*, estão inclusos países em que o Inglês, falado por não nativos, se tornou parte das principais instituições do país, e desempenha um papel importante como segunda língua em contextos multi-culturais: isso inclui Singapura, Índia, Malauí, entre outros 50 territórios. *Inner circle* se refere às bases tradicionais do idioma, onde Inglês é a língua primária: EUA, Reino Unido, Irlanda, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Já *Expanding circle* envolve as nações que reconhecem a importância do Inglês como uma língua internacional, apesar de não terem uma história de colonização pelos membros do *Inner circle*, nem terem dado ao idioma algum status administrativo. Incluem-se neste último China, Japão, Grécia, Polônia e um número crescente de outras áreas em que o Inglês tem sido ensinado como língua estrangeira.

¹³ É, assim, utilizado em referência a duas situações muito diferentes: por um lado, há os países do *Outer Circle* (a autora cunha o termo com apenas um *Ö*, diferentemente de Crystal) de Kachru, onde o Inglês pode ser conhecido por corresponder a propósitos domésticos e intranacionais; de outro, há a Língua Inglesa como meio globalizado para comunicação internacional que, com certeza, transcende todas as fronteiras nacionais (tradução nossa).

- Replacing infinitive-constructions with that-clauses (as in *I want that we discuss my dissertation*);
- Overdoing explicitness (e.g. *black color* rather than just *black*);¹⁴ (SEIDLHOFER, 2004, p. 220).

Para Bamgbose (2001), virtualmente, o uso de algumas ferramentas como, por exemplo, softwares de produção de texto, para eventualmente escrever um e-mail, é uma espécie de legitimação dessas ocorrências variacionais e podem, até mesmo, tornarem-se uma nova área de estudo, pois, a partir do uso dessas ferramentas, seus usuários cometem a violação das convenções ortográficas e legitimam as mudanças linguísticas. Para o autor,

with the growing influence of the internet, certain conventions have emerged and are spreading to all users of English, for example in sending e-mails and preparing documents by using a word processor. Such new developments will become a legitimate area of investigation. E-mail senders and receivers are, of course, familiar with such changes in orthographic conventions as violation of word division and of initial capital letters [í]¹⁵ (BAMGBOSE, 2001, p. 360).

Neste sentido, Rajagopalan (1999), aponta que o hibridismo está cada vez mais visível e, também, mais difícil de ser ignorado no cenário pós-II Guerra Mundial, em sociedades marcadas pelas migrações em massa, de um lado e, de outro, o crescente contato cultural e miscigenação. Desta forma, movimentos relacionados ao hibridismo linguístico se dissipam em cenários multilíngues, em que várias línguas coexistem, onde há inúmeras identidades e culturas, possibilitando a pluralização destes construtos pela interação promovida pela LI.

¹⁴ - Eliminação da terminação *õs* da terceira pessoa do singular;

- Confundir os pronomes relativos *who* e *which*;

- Omitir artigos definidos e indefinidos onde eles são obrigatórios em ENL, e inseri-los onde eles não ocorrem em ENL;

- Deixar de usar formas corretas de *tag questions* (e.g., *õisnæt it?õ* ou *õno?õ*, ao invés de *õshouldnæt they?õ*);

- Inserir preposições redundantes (como em *õNós temos que estudar sobre...õ*);

- Exagerar no uso de certos verbos de alta generalidade semântica, (como *do, have, make, out, take*);

- Substituir construções do infinitivo com orações iniciadas pelo pronome relativo *that* (que), (como em *õEu quero que nós discutamos minha dissertaçãoõ*);

- Esclarecimento/detalhamento exagerado (e.g. *cor preta* ao invés de *preto*); (tradução nossa).

¹⁵ Com a crescente influência da internet, certas convenções têm emergido e estão se espalhando entre todos os usuários do Inglês, por exemplo, ao enviar e-mails e preparar documentos com o uso de um corretor automático. Tais avanços se tornarão uma área legítima de investigação. Aqueles que enviam e-mails e aqueles que os recebem estão, com certeza, familiares com mudanças nas convenções ortográficas como a violação da divisão das palavras e de letras maiúsculas iniciais (tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Inglesa passou por um grande processo de expansão a partir da metade do século XX, devido à revolução tecnológica, e isso fez com que indivíduos que, até então não poderiam entrar em contato com idioma, senão por sua inserção no contexto escolar, tivessem acesso à língua.

Hoje, o inglês é usado com diferentes propósitos, como nunca tinha sido antes. É o idioma do desenvolvimento científico e tecnológico, do mercado econômico, das novas formas de interação e dos diversos gêneros de entretenimento.

Com as Tecnologias de Comunicação Digital, as pessoas passaram a interagir virtualmente pelo mundo a partir da utilização de um idioma em comum: o inglês. Assim, puderam, então, atuar sobre a produção e aquisição de conhecimentos ao entrarem em contato com diferentes saberes, diferentes formas de cultura e inúmeras formas variantes da língua.

Este indivíduo, atuante no ciberespaço, ao mesmo tempo em que adquire novos conhecimentos, utiliza seu próprio saber como moeda de negociação e faz emergir da cibercultura uma identidade sócio-cultural flexível, pautada na diversidade de culturas e nos construtos históricos que lhe são comunicados, diariamente, por outros falantes do idioma, na grande aldeia global (McLUHAN, 1964).

Ao discernir a escola como âmbito de pluralização linguístico-cultural, o professor pode promover a participação colaborativa do estudante no processo de ensino-aprendizagem da língua. O docente pode fazer com que o estudante se interesse mais pelo que é ensinado, com uma linguagem contemporânea, moderna e flexível, como também permitir que os estudantes ajam sobre este conhecimento para que isso os instigue enquanto ciberusuários e efetivem-no em sua vivência enquanto cidadãos.

Este processo de confirmação de conhecimentos adquiridos virtualmente enriquece o processo de ensino no contexto escolar, pois utiliza as ferramentas mais comuns com as quais os estudantes exercem sua cidadania: o computador, a linguagem virtual, a interação etc.

Ferramentas que provêm do meio virtual e são cada vez mais necessárias à vivência diária na sociedade portadora da cibercultura.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMGBOSE, A. World Englishes and Globalization. *World Englishes*, Vol. 20, n. 3, p. 357-363. Blackwell publishers, 2001.

CANAGARAJAH, A. S. On EFL teachers, awareness and agency. *ELT Journal*, v. 53/3. Oxford University Press, 1999. p. 207-214.

CATAPAN, A. H. Pedagogia e tecnologia: a comunicação digital no processo pedagógico. In.: *Educação Porto Alegre*. PUCRGS, ano XXVI, n. 50, jun., Porto Alegre; 2003. p.141-153.

COSTA, T. R. C. A mundialização da cultura e os processos de homogeneização e formação da cultura global. *Universitas ó Relações Int.* v.2, n.1, jan./jun. Brasília, 2004. p. 255-267.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DAL MOLIN, B. H. *Do tear à tela: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC/CTE, 2003.

GRADDOL, D. *The future of English?*. UK: British Council, 2000.

_____. *English Next*. UK: British Council, 2006.

JENKINS, J. *The phonology of English as an International language*. 2. ed. New York: Oxford, 2001.

_____. Current perspectives on teaching World Englishes and English as a lingua franca. *TESOL quarterly*. Vol. 40, No.1, March, 2006. Kingø College; London ó England. p. 157-181.

KARAMAN, A. C; TOCHON, F. V. International student teaching in world language education: Critical criteria for global teacherhood. *Critical Inquiry in language studies*, 4(2-3). Lawrance Erlbaum Associates, Inc, 2007. p. 237-264.

KIRKPATRICK, A. *World Englishes*. Implications for international communication and English language teaching. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LITTO, F. M. *Educação à distância: estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MOTTER, R. M. B.; DRUZIANI, C. F. M., FIALHO, F. P., SANTOS, N. dos. Considerações Sobre a Gestão do Conhecimento na Sociedade Pós-Industrial In: *Congresso Nacional de Ambientes Hiperfídia para Aprendizagem*, 2009, Florianópolis. Anais do IV Congresso Nacional de Ambientes Hiperfídia para Aprendizagem. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____; PAVANATI, I.; CATAPAN, A. H.; PERASSI, R. L. S.; Formação de professores de Inglês na era da cibercultura. In: *Círculo de estudos linguísticos do Sul*, 2010, Palhoça/SC. IX Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL. Palhoça, SC: Ed. da Unisul, 2010. v. 1.

_____; CATAPAN, A. H. A formação do professor de inglês no contexto do idioma como língua global. *Educere ET Educare* ó revista de Educação. Vol. 5, n. 12, 2011. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Versão *on-line*. ISSN: 1981-4712.

RAJAGOPALAN, K. Reply to Canagarajah. *ELT Journal*, v. 53/3. Oxford University Press, 1999. p. 215-216.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SEIDLHOFER, B. English as a lingua franca. *ELT Journal*, v. 59, n. 4. Oxford University Press, 2005. p. 339-341.

_____. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual review of applied linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.209-239.

Recebido em 29 de novembro de 2012

Aceito em 9 de dezembro de 2012